



METODOLOGIA QUALITATIVA EM GEOGRAFIA: A IMPORTÂNCIA DAS ENTREVISTAS PARA A APREENSÃO DO ESTIGMA TERRITORIAL¹

Renata Cristina Rizzon²

RESUMO

A periferização, resultado, em parte, da implantação de conjuntos habitacionais em parceria público-privada, consolidou diversas facetas de diferenciação e constituição de desigualdades. Se, por um lado, ela possibilitou o acesso à habitação para cidadãos de menores estratos socioeconômicos, por outro, ela estruturou espacialmente processos como a segregação socioespacial. Assim, diferentes grupos sociais experienciam, em seu cotidiano, a dificuldade de acesso a meios de consumo coletivos, no plano material, e a estigmatização territorial, no plano imaterial. O afastamento da população empobrecida consolidou a periferia como território associado a símbolos negativos, com rebatimento em seus moradores. Objetivamos, com este artigo, contribuir para a reflexão acerca da importância da metodologia qualitativa para a apreensão do estigma territorial e de seus conteúdos, em territórios periféricos, com enfoque na periferia de Cidade Tiradentes, extremo leste da metrópole de São Paulo. As entrevistas semiestruturadas possibilitaram a apreensão dos conteúdos do estigma territorial, para os moradores, bem como o desvelamento das singularidades próprias das consequências da desigualdade, do aprofundamento da diferenciação e do processo de segregação socioespacial, revelando suas consequências no cotidiano dos moradores.

Palavras-chave: Metodologia qualitativa, Entrevista semiestruturada, Estigma territorial, Metrópole, Periferia Urbana.

RESUMEN

La periferia, resultado en parte de la implantación de conjuntos habitacionales en colaboración público-privada, consolidó diversas facetas de diferenciación y constitución de desigualdades. Si, por un lado, permitió el acceso a la vivienda a ciudadanos de estratos socioeconómicos más bajos, por otro, estructuró espacialmente procesos como la segregación socioespacial. Así, diferentes grupos sociales experimentan en su vida cotidiana la dificultad de acceso a los medios de consumo colectivos, en el plano material, y la estigmatización territorial, en el plano inmaterial. El alejamiento de la población empobrecida consolidó la periferia como un territorio asociado a símbolos negativos, con repercusiones en sus habitantes. Con este artículo, pretendemos contribuir a la reflexión sobre la importancia de la metodología cualitativa para comprender el estigma territorial y sus contenidos en los territorios periféricos, centrándonos en la periferia de Cidade Tiradentes, en el extremo este de la metrópoli de São Paulo. Las entrevistas semiestructuradas permitieron comprender los contenidos del estigma territorial para los habitantes, así como revelar las singularidades propias de las consecuencias de la desigualdad,

¹ Este trabalho é resultado de pesquisa de Dissertação de Mestrado, intitulada “Estigma territorial: Cidade Tiradentes na metrópole de São Paulo”, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2022/01540-8.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da Universidade Estadual Paulista - FCT UNESP, Campus de Presidente Prudente-SP, renata.rizzon@unesp.br.



la profundización de la diferenciación y el proceso de segregación socioespacial, revelando sus consecuencias en la vida cotidiana de los habitantes.

Palabras clave: Metodologia qualitativa, Entrevista semiestructurada, Estigma territorial, Metrópoli, Periferia urbana.

INTRODUÇÃO

A (re)produção das desigualdades socioespaciais é condição e resultado do desenvolvimento do capitalismo, materializando-se no espaço urbano e no cotidiano de seus sujeitos. Neste artigo, como expressão desta afirmação, toma-se São Paulo, cujo processo de metropolização (Langenbuch, 1968; Azevedo, 1958) ocorreu de modo acelerado, contribuindo para diversas formas de diferenciação e constituição de desigualdades e tendo como uma das consequências o acesso não pleno, sobretudo à habitação, impossibilitado aos cidadãos de menores estratos socioeconômicos.

A estes grupos, foi imposta a segregação socioespacial (Villaça, 1989, Corrêa, 2004), afastando-os para as margens da metrópole. Às denominadas periferias (D'Andrea, 2020), são atribuídos conteúdos socioeconômicos, em que o local ocupado, por seus moradores, na cidade, materializa-se conjuntamente pela distância e pelo estrato socioeconômico.

Diante do exposto, os grupos aos quais a segregação foi imposta, experienciam o estigma territorial (Goffman, 1988; Wacquant, 2006) em seus cotidianos nas periferias das cidades. O estigma territorial pode ser definido como a aversão, inferiorização e/ou discriminação de um indivíduo ou grupo, em razão de sua condição espacial, em que o direito à cidade (Lefebvre, 1968) é negligenciado ou realizado de forma insuficiente, seja pela aceitação social incompleta, seja pelo acesso precário à infraestrutura e aos equipamentos urbanos.

A periferia foi consolidada como território frequentemente associado a signos e símbolos negativos – valores que também se associam aos seus moradores – os quais foram imputados por parte das instituições sociais, pela mídia e por cidadãos moradores de outras áreas da cidade.

A periferização, decorrente da promoção da habitação de interesse social, colaborou para o afastamento de grupos empobrecidos das áreas centrais e pericentrais e melhor dotadas de meios de consumo coletivo. Tal movimento corroborou para a instituição e manutenção do estigma sofrido pelos moradores, em associação constante com seus territórios de origem.



A partir do objetivo central – interpretar, analisar e debater os conteúdos do estigma territorial, seu rebatimento no território e sobre os moradores de Cidade Tiradentes, periferia do extremo leste da metrópole – identificamos a importância da metodologia qualitativa na apreensão de tais conteúdos e adotamos as entrevistas semiestruturadas.

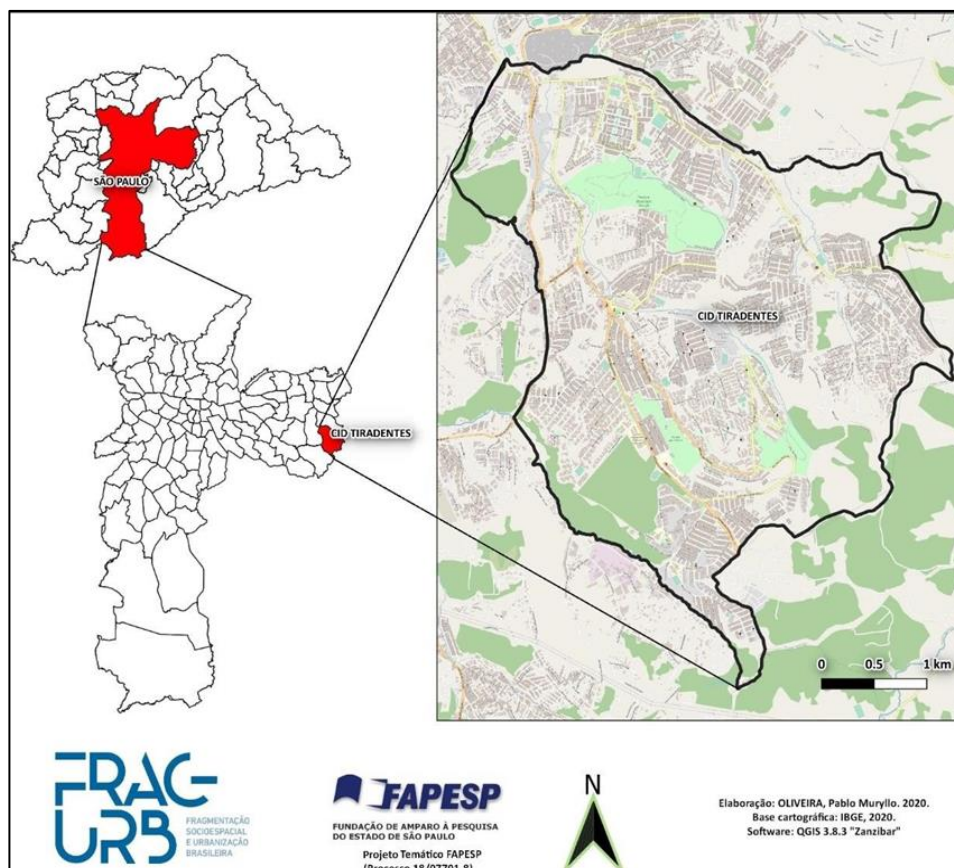
O desenvolvimento da pesquisa somente foi possível por meio de abordagem que tomasse como referência principal, mas não exclusiva, a abordagem qualitativa, uma vez que os matizes que se associam ao estigma territorial explicitam-se por meio do papel protagonista dos sujeitos e de suas narrativas.

Por este motivo, o objetivo central deste texto é o de contribuir acerca da reflexão sobre a importância da metodologia qualitativa para a apreensão do estigma territorial e de seus conteúdos, em territórios periféricos.

CIDADE TIRADENTES: CONTEXTOS DO ESTIGMA TERRITORIAL

Cidade Tiradentes, distrito periférico situado no extremo leste da metrópole de São Paulo e distante 30 km de sua área central, é resultado de políticas habitacionais empreendidas, sobretudo, pela Companhia Metropolitana de Habitação (COHAB), em parceria público-privada, no ano de 1984, com a implantação de mais de vinte mil unidades habitacionais, que deram início à maior intervenção habitacional da América Latina.

Figura 1 – Cidade Tiradentes. Situação geográfica. 2020.



Elaboração: Oliveira, 2020.

A aquisição de terrenos pela Cohab visou propiciar, a habitantes de outras áreas da metrópole e de outros estados do Brasil, de menor estrato socioeconômico, habitações de padrão essencialmente popular (Companhia Metropolitana de Habitação, 2020). Ela possibilitou a saída do aluguel por meio da aquisição de imóvel próprio.

Entretanto, a distância dos conjuntos em relação às áreas centrais, bem como a insuficiência de meios de consumo coletivo e o acesso dificultoso a outras áreas, nos anos que se seguiram após a sua implantação, reforçou a lógica centro-periférica e as desigualdades socioespaciais, para os moradores, reafirmando a sua condição periférica. No caso do conjunto habitacional, sua construção mal projetada, em um local distante das áreas centrais, resultado do processo de segregação imposta (Corrêa, 1989), reafirmou a separação de diferentes segmentos sociais, em diferentes áreas da metrópole.

Tal segregação, promovida, neste caso, pela atuação do Estado, formou as periferias num contexto metropolitano de expansão, que exige conceituação. Adotamos a definição de periferia segundo a qual seria composta por distritos onde mais de 20% dos domicílios possuem renda *per capita* de até meio salário-mínimo (D'Andrea, 2020, p. 37).



Assim, a formação de uma periferia a partir da implantação de conjuntos habitacionais isolados e distantes da metrópole, contribuiu para o distanciamento e preconceito, por cidadãos de outras porções da cidade. A lógica da segregação proporcionou a eles a percepção de que, quanto mais distante e isolado, o local certamente é mais perigoso, inseguro e violento. As generalizações discursivas, disseminadas pela distância dos conjuntos, via Estado e pela mídia, distanciaram-os igualmente das perspectivas reais, contribuindo, portanto, com o estigma territorial.

O estigma territorial, definido como a situação do indivíduo que está inabilitado pela aceitação social plena, em que os prejuízos de sua inserção possuem motivações essencialmente espaciais (Goffman, 1988, Wacquant, 2006), constituiu, nas periferias, um fato de distanciamento e dificuldade no uso e apropriação de outras áreas da metrópole.

(...) uma ou mais aglomerações, sectores ou concentrações residenciais de habitação social são publicamente conhecidos e reconhecidos como os tais infernos urbanos onde o perigo, o vício e o abandono fazem parte da ordem das coisas. Alguns até adquirem o estatuto de sinónimo nacional de todos os males e perigos que doravante afligem a cidade dualizada (Wacquant, 2006, p. 28).

No caso de Cidade Tiradentes, tal percepção é disseminada desde os seus primeiros anos de constituição, em que o estigma territorial exerce maior influência a partir de cidadãos não residentes, ao reforçar conteúdos negativos, reforçados como permanências, embora o lugar tenha passado por importantes mudanças, ao longo das décadas. Destacamos, para o caso do distrito periférico, importantes mudanças: a) a ascensão da cultura periférica; b) a complexificação do distrito no que concerne à evolução dos meios de consumo coletivo e outros equipamentos; e c) as práticas espaciais dos cidadãos e a sua relação com a Zona Leste da metrópole.

Reiteramos o fato de que, mesmo frente a importantes transformações e evoluções no distrito, o território e seus moradores seguem sendo estigmatizados, por conteúdos associados aos primeiros anos de implementação. Isto demonstra um descompasso entre os acontecimentos reais e imaginados de cidadãos de outras porções da metrópole e da mídia, com relação ao distrito, bem como materializa-se em consequências para os seus moradores, uma vez que os conteúdos estigmatizantes possuem, para eles, rebatimentos negativos.

METODOLOGIA QUALITATIVA: AS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

O principal caminho metodológico – embora a pesquisa combine abordagem qualitativa – foi o das entrevistas semiestruturadas, as quais possuem roteiro prévio de



questões, ao mesmo tempo que dão liberdade para o entrevistado relatar as suas experiências, superando os pontos apresentados pelo entrevistador. Assim, a entrevista conceitua-se como

[...] um processo de interação social no qual o entrevistador tem por objetivo a obtenção de informações por parte do entrevistado. Enquanto técnica de obtenção de informações, trata-se de uma conversa interessada, orientada pelo entrevistador para fins de pesquisa, pela qual objetiva-se apreender informações sobre o comportamento e a consciência dos sujeitos investigados tanto quanto possível, em seu estado dado, objetivo [...] Entrevista-se porque acredita-se que o entrevistado detém informações que, transmitidas ao entrevistador, podem ajudar a elucidar questões (Colognese, Melo, 1998, p. 143).

Ela proporciona, portanto, informações, opiniões e impressões para além do que os dados poderiam fornecer, para o pesquisador, uma vez que trazem subjetividades por meio de experiências cotidianas relatadas. O estigma territorial, foco deste texto, é sentido e vivido pelos sujeitos estigmatizados por sua condição espacial e, por isso, as experiências relatadas, são consideradas valiosas. A relevância desta abordagem deve acompanhar, portanto, rigorosidade no processo de sistematização e análise.

A metodologia empregada na pesquisa realizada foi composta por quatro principais ações, em que a quarta delas é destaque neste texto, ainda que seja a articulação entre elas que ofereça base para a compreensão do percurso realizado:

- 1) Revisão bibliográfica;
- 2) Elaboração de roteiros semiestruturados;
- 3) Realização de entrevistas;
- 4) Transcrição, sistematização e análise de entrevistas.

As entrevistas realizadas, baseadas em roteiros semiestruturados, possibilitaram identificar, nas narrativas dos entrevistados, conteúdos estigmatizantes, resultado de processos urbanos que influenciam o modo como os sujeitos experienciam a vida, na metrópole.

Os diferentes perfis dos moradores demonstraram diferentes matizes da manifestação do estigma, bem como possibilidades de superação a partir da ascensão da cultura periférica e das recentes transformações no distrito, que proporcionaram a autoestima com relação à periferia onde residem.

Para o desenvolvimento de nossa pesquisa, dividimos os entrevistados em dois grupos: os cidadãos residentes e os não residentes em Cidade Tiradentes. Tal divisão, baseada nos estudos de Goffman (1988), objetivou apreender o estigma a partir de quem o experiencia e de quem o (re)produz.

Esta escolha decorreu de trabalharmos com a hipótese de que os cidadãos não residentes no distrito estão sujeitos a percepções distorcidas, parciais ou radicais da realidade de outros



citadinos, principalmente, quando seus estratos socioeconômicos, modos de vida, situação espacial e possibilidade maior ou menor de acesso a outros espaços, na cidade, são superiores aos dos moradores da periferia urbana.

O acesso aos entrevistados deu-se a partir de um primeiro contato, o qual nos possibilitou a aproximação com outras pessoas deles conhecidas, para que pudéssemos prosseguir com as entrevistas: o procedimento é denominado *snowball sampling* (Biernacki, Waldorf, 1981), ou bola-de-neve

A amostragem em bola de neve ou em cadeia é um método que tem sido amplamente utilizado na investigação sociológica qualitativa. O método produz uma amostra de estudo através de referências feitas entre pessoas que partilham ou conhecem outras que possuem algumas características que são de interesse para a investigação. O método é bem adequado para uma série de objetivos de investigação e é particularmente aplicável quando o objeto de estudo incide sobre uma questão sensível, eventualmente relativa a um assunto relativamente privado, e requer, por conseguinte, o conhecimento de pessoas de dentro para localizar as pessoas a estudar de pessoas de dentro para localizar pessoas para estudo (Biernacki; Waldorf, 1981, p. 141, tradução livre).

Ele possibilitou, em um curto período, a realização de 19 entrevistas com cidadãos residentes e não residentes em Cidade Tiradentes. Houve duas modalidades segundo as quais as entrevistas foram realizadas: a) presencial, a qual buscamos priorizar, tendo sido o modo pelo qual a maioria delas foi realizada, e; b) virtual, quando os entrevistados não se encontraram presentes no distrito, por motivo pessoal ou de trabalho.

Elencamos, assim, dimensões empíricas que auxiliariam nas percepções de estigma, segundo diferentes vivências: habitação; insegurança e medo; estigma; consumo; futuro; identidade. Assim, elaboramos dois diferentes roteiros: um para os cidadãos residentes, e outro para cidadãos não residentes, mas que trabalham no distrito.

Deste modo, pudemos apreender múltiplas dimensões da realidade, ao passo que as dimensões empíricas possibilitaram reunir: 1) informações referentes aos cidadãos e percepções sobre o seu local de moradia, bem como a relação entre seu local de pertença e a sua própria identidade; 2) percepções da família ou de pessoas próximas ao morador, quando o cidadão é, geralmente, mais velho e possui um acúmulo de experiências, ou é jovem e suas percepções assemelham-se à de seus familiares, e; 3) Suas experiências a partir do outro, ou seja, o que cidadãos, de outras porções da metrópole, expressaram de percepções estigmatizantes acerca do distrito.

Para os cidadãos não residentes, realizamos a mesma operação. Entretanto, como o objetivo foi o de apreender falas estigmatizantes acerca do distrito, incluímos outros temas, que foram contemplados no roteiro de entrevistas.



É importante destacar que os cidadãos não residentes que concederam as entrevistas, trabalhavam no distrito em foco. Esta decisão possibilitou apreender percepções acerca de quem não reside em Cidade Tiradentes, mas que, de algum modo, conhece e vive o distrito. Se esta medida não fosse por nós tomada, nos depararíamos com entrevistas pouco produtivas sobre as percepções acerca do distrito.

Após a gravação das entrevistas, formulamos quadros com características gerais dos entrevistados (Quadro 1). Seus perfis foram variados – com a finalidade de apreender experiências diversas - considerando-se gênero, faixa etária, autodeclaração de cor, orientação sexual, faixa de renda aproximada, bairro onde habita no distrito, tipo de moradia e ocupação. Além disso, realizamos um breve panorama descritivo acerca dos entrevistados.

Quadro 1 – Informações sobre os entrevistados. Exemplo³.

Nome fictício	Idade	Autodeclaração de cor	Orientação sexual	Ocupação	Moradia
Cidadinos residentes em Cidade Tiradentes					
Poliana	21 anos	Branca	Bissexual	Estudante e atuante na Academia Carolinas	Casa autoconstruída no Bairro Mutirão
Tem Ensino Médio completo e está para concluir o Bacharel em Administração na FMU, campus da Liberdade e mora com a mãe, vinda de Sergipe, que é técnica em enfermagem. Alega que a criminalidade no bairro aumentou, mas gosta muito de onde vive e das pessoas, que criam um senso de comunidade. Relata, em muitos momentos, situações de estigma pelas quais passou, ao trabalhar em áreas centrais da cidade, devido ao lugar onde mora e à sua fisionomia, já que, apesar de branca, possui traços de pessoas pretas e indígenas. No futuro, imagina-se morando em Cidade Tiradentes assistindo às crianças e vê muito potencial de melhora no distrito.					

³ Elaboração do quadro baseada em Sposito e Sposito (2022) e Góes e Melazzo (2022). Os nomes verdadeiros dos entrevistados foram modificados.



Citadinos não residentes em Cidade Tiradentes

Guilherme	33 anos	Branco	Heterossexual	Funcionário no CEU	Casa quitada em residencial fechado, em Suzano
Guilherme possui ensino superior completo, é formado em Educação Física e Pedagogia, além de ter se especializado em educação inclusiva. Já trabalhou em escolas da rede e na AACD, ganhando diversos prêmios relacionados à educação. Atualmente, recebe 11,3 salários-mínimos e está trabalhando em Cidade Tiradentes há quatro anos. Mora com a esposa, 33, em Suzano, e tem uma filha, 11 anos, que mora nos Estados Unidos. Sua narrativa ficou bastante enfocada em suas realizações como funcionário do CEU que, de fato, proporcionaram muitas melhorias. Entende que falem espaços mais variados de consumo em Cidade Tiradentes e, para o seu lazer, frequenta um clube privado em Suzano/SP.					

Posteriormente, ocorreram as transcrições. No que diz respeito a elas, reiteramos os cuidados enfatizados por Sposito (2022, p. 300), referentes a proceder correções mínimas nas falas dos sujeitos, que pudessem favorecer a leitura.

Para a etapa de sistematização das entrevistas, baseamo-nos nas dimensões empíricas supracitadas e em perguntas dos roteiros semiestruturados que apontaram, a partir da narrativa das/os sujeitas/os, elementos estigmatizantes acerca do distrito e de seus moradores.

Assim, as narrativas que continham tais elementos foram sistematizadas em um quadro, que resultou em sete diferentes temas e organizado em diferentes cores. Respectivamente: 1) **O que gosta no bairro**; 2) **O que não gosta no bairro**; 3) **Insegurança e medo**; 4) **Estigma**; 5) **Consumo**; 6) **Futuro**; e, 7) **Identidade**.

O Quadro 2 apresenta a sistematização da resposta, a título de exemplo, de uma das entrevistadas. A primeira coluna apresenta o tema abordado, de acordo com o roteiro de entrevistas semiestruturado; a segunda coluna apresenta o seu nome, modificado em razão de preservar a sua identidade; a terceira e última coluna apresenta a pergunta realizada por nós, entre colchetes, e a fala transcrita do entrevistado.

Quadro 2 – Sistematização das narrativas. Exemplo.

O QUE GOSTA NO BAIRRO	ANDREIA	[O que você mais gosta no bairro?] Olha, tem melhorado muito. Eu moro próximo ao Terminal Tiradentes, o primeiro, o antigo, não é? Então, eles têm feito muitas obras, muitas coisas lá, prefeitura, e tem melhorado muito. E aqui é um bairro bom, que é próximo de tudo. Assim, é próximo de hospital, tem as UPAS, tem o CEU aqui,
------------------------------	----------------	--



		que é uma referência já para as crianças, de lazer, de um tudo. E próximo de tudo, é um bairro bom.
--	--	---

Elaboração: Rizzon, 2024.

Embora pudéssemos sistematizar as falas dos entrevistados a partir somente do estigma, consideramos que os traços estigmatizantes ocorrem, para os moradores, em mais de uma esfera cotidiana. Por isso, outras perguntas do roteiro contemplaram as temáticas associadas ao estigma, uma vez que os conteúdos estigmatizantes, para o território em tela, associam-se ao:

i) seu caráter periférico, que atribui o sentido de nos referirmos ao estigma como territorial e que aparece nas notícias como atributo negativo; ii) uma série de ausências e/ou insuficiências e precariedades no bairro, em decorrência da negligência da Prefeitura e dos agentes envolvidos, como a Cohab; iii) a generalização dos sujeitos periféricos e moradores de Tiradentes, a partir da veiculação de notícias, sobretudo, associadas à violência, invasões e criminalidade (Rizzon, 2022, p. 39).

Assim, as perguntas 1 e 2, sobre gostar ou não do bairro, direciona aspectos importantes para os entrevistados, a partir da referência citada, uma vez evidenciadas questões de infraestrutura, equipamentos e serviços públicos e coletivos.

Sobre a segurança no bairro, os moradores entrevistados apontaram uma série de elementos importantes acerca da segurança pública no distrito, além de suas compreensões acerca de medidas de segurança adotadas em suas residências. A relação com a polícia demonstra igual relevância, possibilitando apreender o desconforto – ou não – com tal presença.

Quanto ao estigma, procuramos não perguntar diretamente, durante a entrevista, se eles se sentiam estigmatizados, já que tal relação se dá por uma percepção, sobretudo, externa. Nesta direção, perguntamos o que as pessoas dizem sobre o lugar, quando mencionado, e se já presenciou a perda de emprego por menção ao lugar de moradia. Quando havia respostas positivas, se elas entendem que o morador de Cidade Tiradentes sofreu algum tipo de discriminação e/ou estereótipo.

Quanto ao tema do consumo, reiteramos a percepção, sobretudo, externa, do distrito como uma cidade-dormitório, denotando invisibilização da vida cotidiana agitada ocorrida no distrito, devido ao seu alto contingente populacional. Deste modo, consideramos, a partir da narrativa dos moradores, a ascensão pelo consumo e a alguns serviços, que demonstram que o



distrito tem passado por importantes transformações contrapostas à constituição do estigma associado a um distrito de muitas ausências.

O tema do futuro, abordado durante as entrevistas, objetivaram apreender os vislumbres dos entrevistados quanto ao futuro, como cidadãos periféricos em uma periferia em contante transformação. A pergunta e a consequente narrativa possibilitaram inferir panoramas futuros sobre o território em tela.

Por fim, a identidade com a periferia apareceu de modo acentuado na narrativa de alguns entrevistados - motivo pelo qual a protagonizamos nas sistematizações -, reforçou a importância de trabalhar, nas entrevistas, com questões voltadas a este aspecto. Ao serem perguntados sobre a identificação ou não com o distrito, as narrativas colaboraram para a compreensão da superação, em constante contradição, do estigma, por meio da construção de suas identidades, tendo como base a periferia, associada à ascensão da consciência política.

OS CONTEÚDOS DO ESTIGMA TERRITORIAL PARA OS SUJEITOS

Partilhamos a preocupação de Milani e Góes (2022, p. 174), na busca pela compreensão de diferentes modos de vida, vivências e práticas cotidianas que, segundo nosso recorte analítico, são calcadas nas desigualdades socioespaciais: “Como compreender e interpretar o que o outro experimenta acerca de um lugar? Como compreender, enquanto sujeito pesquisador, a experiência espacial do outro, sujeito pesquisado?”.

Tais indagações devem partir de um sujeito pesquisador cujo olhar é crítico e político, uma vez que nem sempre nossas posições refletem aquelas do sujeito na sociedade e na cidade. O estigma territorial é sentido e vivido pelos sujeitos estigmatizados, pois as suas relações sociais, são atravessadas pelo preconceito, que se vincula aos territórios em que habitam.

A partir de abordagem qualitativa, foi possível inferir três principais conteúdos do estigma territorial, sentido e vivido pelos moradores de Cidade Tiradentes: 1) a inferioridade intelectual, reduzindo os sujeitos a partir do momento em que é revelada a sua situação espacial, associada a ocupações de menor ou nenhum grau de escolaridade, representadas, em seus imaginários, como um fator degradante para a identidade; 2) o conteúdo do crime, da violência e da periculosidade, que acompanha, no imaginário dos cidadãos da metrópole, indiferenciação, radicalização e oposição das identidades dos sujeitos, sobretudo com relação à ideia de *bandido* e *trabalhador* (Feltran, 2011), e; 3) O limite explicativo do conceito de estigma territorial (Goffman, 1988; Wacquant, 2006), considerando a produção racial do espaço urbano (Alves,



2011) como uma particularidade da formação socioespacial brasileira, em que a questão racial sobressai e potencializa o estigma, para os moradores de Cidade Tiradentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As entrevistas proporcionam ao pesquisador e, conseqüentemente, à pesquisa, informações, opiniões e impressões, para além do que os dados poderiam fornecer, já que elas trazem à tona subjetividades por meio das experiências individuais cotidianas, consideradas importantes para a compreensão da (re)produção do espaço urbano.

Por meio delas, identificamos diferentes conteúdos estigmatizantes, que decorrem de diferentes situações sociais, sobretudo quando os moradores experienciam outros espaços da metrópole, o estigma acentuando-se, quando se realiza o recorte de raça.

A metodologia qualitativa utilizada possibilita o desvelamento das singularidades próprias das conseqüências da desigualdade, do aprofundamento da diferenciação e do processo de segregação socioespacial, revelando suas conseqüências no cotidiano dos moradores.

As reconstruções do vivido, frente a frações de suas experiências, demonstraram como a desigualdade conforma-se e produz simbolismos e imaginários negativos em cidadãos não residentes em Cidade Tiradentes, tendo a mídia o papel de produzir e reproduzir tais subjetividades.

Este é um contraponto importante na desnaturalização dos processos para a desnaturalização das desigualdades, preconceitos, discriminações e estigmas, uma vez que se passa a questionar hierarquias sociais e espaciais.

A pesquisa realizada e a análise que propusemos abriu, por outro lado, um campo de possibilidades que se conforma dada a ascensão da identidade e da consciência periférica entre os moradores de Cidade Tiradentes.

Foi possível constatar discursos e ações contra-hegemônicas, por parte destes sujeitos periféricos, que não mais aceitam a preponderância negativa sobre o seu território de pertença e identidade, reafirmando-se por e a partir da periferia como um lugar de resistência, a exemplo da constante transformação do distrito, de sua produção cultural e musical, da ação de ONGs e entidades educacionais.

REFERÊNCIAS



- ALVES, J. A. TOPOGRAFIAS DA VIOLÊNCIA: NECROPODER E GOVERNAMENTALIDADE ESPACIAL EM SÃO PAULO. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, Brasil, v. 22, p. 108–134, 2011. DOI: 10.7154/RDG.2011.0022.0006.
- AZEVEDO, A. A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana. **Brasiliiana**, 1958.
- BIERNACKI, P., & WALDORF, D. (1981). Snowball Sampling—Problems and Techniques of Chain Referral Sampling. **Sociological Methods & Research**, 10, 141 163.
- CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. Ática, 1989.
- D’ANDREA, T. P. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. **Novos Estudos**, São Paulo, v. 39. n. 1, p. 19-36, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.25091/S01013300202000010005>.
- FELTRAN, G. S. **Fronteiras de tensão**: política e violência nas periferias de São Paulo. In: Editora Unesp, 2011.
- GÓES, E. M.; MELAZZO, E. S (Org.). Metodologia de pesquisa em estudos urbanos: Procedimentos, instrumentos e operacionalização. Rio de Janeiro: Consequência, 2022.
- GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução: Mathias Lambert, v. 4, 1988.
- LANGENBUCH, J. R. **A estruturação da Grande São Paulo**: estudo de geografia urbana. 1968. Tese de Doutorado. [sn].
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001. LEFEBVRE, Henri. La production de l’espace. Paris: Éditions Anthropos, 1974.
- MILANI, P. H.; GÓES, E. M. Metodologia qualitativa na análise de práticas espaciais. In: Sposito, M. E.B; SPOSITO, E. S (Org.). **A construção de uma pesquisa em Ciências Humanas**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2022. (p. 173-185).
- RIZZON, Renata Cristina. **A condição periférica e a construção do estigma territorial em Cidade Tiradentes, São Paulo-SP**. 2022. Trabalho de Conclusão de curso (Monografia), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Presidente Prudente/SP, 2022.
- RIZZON, Renata Cristina. **Estigma territorial**: Cidade Tiradentes na metrópole de São Paulo. 240 p. 2025. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Presidente Prudente, SP. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/b3fa24b6-0851-4b34-851e-673a62ba6380>
- SPOSITO, M. E. B. Fragmentação socioespacial e consumo na periferia de São Paulo. **Tlalli**, México, n. 8, p. 56-85, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22201/ffyl.26832275e.2022.8.1828>.
- SPOSITO, M. E. B; SPOSITO, E. S. (Org.). A construção de uma pesquisa em Ciências Humanas. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2022.
- VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1998.
- WACQUANT, L. A estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 16, 2006.